

ternas atuassem em sua conformação antropológica, torcendo-lhe o rumo e os destinos almejados. (5)

Estas proposições que trazem um tom inflamado e quente transparecem com frequência.

Prenuncia-se que, após o término da guerra, excedentes de população deverão forçosamente procurar novas terras e é preciso que o Brasil se previna contra levas de imigrantes indesejáveis. Não se deve deixar aparecer perante o mundo como um símbolo de sentimento da fraternidade humana e hospitalidade. (6)

Esta perspectiva, vai inclusive, reforçar uma tendência anti-imigratória. O problema do povoamento, prescindindo do imigrante estrangeiro, vai se colocar como um dos maiores problemas desta realidade brasileira.

A proposta do governo, em termos de política de povoamento, é a marcha para o Oeste.

A medida em que evoluem os conflitos mundiais, entre as razões propostas pelo presidente Vargas para o empreendimento do processo da marcha, as da Segurança Nacional tornam-se mais marcantes e incentivadoras.

Cumpre assinalar que estas razões são altamente reforçadoras de uma ideologia de caráter nacional pois, na medida em que atuam, exacerbam e impulsoram a ação de garantir a integridade da Nação. Isto porque esta ação, na maior parte das vezes se traduz no apoio irrestrito à política governamental ou pelo menos, no arrefecimento de qualquer tentativa de dissensão interna, ou serve para justificar a força do regime.

A função da marcha é reforçada: "- Mas agora a marcha para o oeste apresenta aspecto político novo e de in calculável alcance, sob o ponto de vista da própria segurança e sobrevivência da nacionalidade independente". (7)

(5) *Idem acima*

(6) *Ibidem*.

(7) "A Hora do Oeste" in Novas Diretrizes - 1a. quinzena de agosto de 1942. Pág. 52 e 54.

Assume a marcha para o oeste um "cunho profético"
(8). Já se aventa até a possibilidade de um deslocamento dos
órgãos vitais da nação para "além da barreira montanhosa".
(9)

Este temor de uma possível invasão por parte de
países superpopulosos vai perdurar. Ainda em 1945 o dr.
Djalma Forjaz, diretor do Departamento Estadual de Estatística de São Paulo, chama atenção para o problema, quando agradece em uma homenagem e saúda o Instituto de Colonização Nacional em nome do IBGE. (10)

A Amazônia já sentia o peso da "cobiça internacional" de há muito. Suas decadentadas riquezas, a exuberância tropical e o não menos decadido abandono da região transformaram-na num centro convergente de interesses econômicos e demográficos. (11)

A ocupação da Amazônia, entretanto, não podia basear na penetração litorânea. Aliás, o litoral não é considerado estrategicamente utilizável no momento e a Amazônia despovoada se espalha pelo interior. (12)

Examinando a posição em que se coloca a região e a bacia fluvial que lhe dá a denominação, chega-se a con-

(8) "Marcha Para o Oeste" in Novas Diretrizes - Ia. quinzena de março de 1942. Pág. 5 a 6.

(9) Idem.

(10) Revista Brasileira de Estatística, nº 23. Ano 1945. Pág. 559. Castro Barreto em "População, Riqueza e Segurança" publicado pela Biblioteca do Exército em 1961 volta ao tema reforçando-o.

(11) Arthur Cesar Ferreira Reis em "A Amazônia e a Cobiça Internacional" analisa, num critério cronológico, várias das investidas de estrangeiros na Amazônia, e Nízia Villela Luz em "Amazônia para os Negros Americanos" demonstra a pretensão americana de fazer da região escravizada para sua população ex-escrava.

(12) "Realçando esta unidade incontestável, o Rio Amazonas, onde se encontra a região, no seu triplice avatar, vai colocar os seus manadeiros austrais nos Párecis indecisos e no Planalto. Entrelaçando-se nessa trama emaranhada dos altos afluentes do Paraná, do Paraguai, formadores da Bacia do Prata, e dos tributários do Oeste do São Francisco, ficando assim amarrada a continuidade da grandeza territorial brasi

clusão que, a única via de acesso para efetivo povoamento e colonização seria pelo sul, através do Planalto Central(13)

Endossam este ponto de vista vários brasileiros atuantes na política nacional como por exemplo o Coronel Lima Figueiredo, membro da Comissão de Publicações do Conselho Nacional de Geografia, que entre outros cargos ocupou o de ajudante de ordens do General Cândido Rondon, Chefe de Secção de Cartografia da Inspeção de Fronteiras do Estado Maior da Sa. RM em Belém do Pará, sendo ainda sócio de várias instituições de caráter histórico e geográfico e estudosos dos temas da Amazônia e povoamento, tendo publicado várias obras sobre o assunto. (14)

Além dos estudos brasileiros e estrangeiros adere a esta possibilidade de colonização da Amazônia o presidente Getúlio Vargas. No discurso em que agradece ao interventor Pedro Ludovico o banquete que lhe foi oferecido em Goiânia à 7/8/1940, não esconde o seu ponto de vista: "A visita que hora vos faço é prova de uma concepção renovadora da Pátria grande e forte. Torna-se imperioso localizar no centro geográfico do país poderosas forças capazes de irradiar e garantir a nossa expansão futura. Do alto dos

leira" - Costa, Palmeira, Tenente Coronel João da. "Amazônia" Editora Século XX, 1942. Pág. 294.

(13) "Para que a conquista do Amazonas seja alguma coisa que nêra curiosidade de viajantes ansiosos por voltar ao aconchego de seu lar setentrional, é preciso que o ataque ao vale se evite do sul, do Planalto Central e não dos pantanais maliticos que deboram os leitos dos rios. A única via de acesso é pelo sul... Imaginamos a conquista do Amazonas como a continuação, no tempo e no espaço, da conquista de Goiás e Mato Grosso. Quando uma população densa e inteligente, capaz de cooperar, se tiver desenvolvido no Planalto Central, onde nascem os afluentes culinos do grande rio, o limite entre a civilização e a barbarie irá se deslocando lentamente, década por década, século por século, talvez - até finalmente rolar pelo talude abaixo a assenhorear-se do bairro Amazônico". - Nash, Roy. "A Conquista do Brasil" São Paulo, Cia Editora Nacional, 1938. Pág. 492 e 494.

(14) Figueiredo, Coronel Lima, "A Conquista do Brasil pelos Brasileiros" in Boletim Geográfico, nº 74. Ano VII. Pág. 120 a 132.

vossos chapadões infindáveis, onde estarão, amanhã, os grandes celeiros do país, deverá descer a onda civilizadora para as planícies do Oeste e do Noroeste".(15) (grifo nosso)

Deixa claro, também no mesmo discurso o sentido que adquire economicamente o Planalto: "Goiás apresenta-se, na atualidade, com as energias revigoradas, colaborando, construtivamente, no progresso geral, a sua população aumenta em ritmo apreciável que se acelera e será ainda mais intenso quando os grandes cursos de água que regam o planalto se transformarem em ligação econômica entre o Norte e o Centro do país". (16) (grifo nosso)

Goiás vai assim "desempenhar o seu papel de trampolim da conquista da Amazônia". (17)

Além de via de penetração para a região Amazônica, o Centro Oeste e Goiás, especialmente, vai se transformar na fonte de grandeza da nacionalidade.

A ideologia do Estado Novo vai se voltar para as raízes da nacionalidade, buscando-as a partir do bandeirismo paulista, como primeira raça realmente autóctone contra o predomínio da metrópole Portuguesa. A bandeira tendo se formado num núcleo deslocado do litoral e bastante adaptada ao meio, ao sertão, representaria as origens primeiras do nacional brasileiro. Em torno do bandeirismo e da bandeira que passa a ser analisada sob seus vários aspectos, vai se construindo parte da ideologia da nova ordem brasileira.

Cassiano Ricardo pode representar a síntese destes pensamentos em sua obra "Marcha Para o Oeste", onde analisa amplamente os fenômenos bandeirólogicos e os relaciona ao momento brasileiro.

(15) Vargas, Getúlio. "A Nova Política do Brasil", Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, Vo. VIII. Pág. 24, 1948.

(16) Idem.

(17) Barbosa, Francisco de Assis. "Historiografia, a Nova Face Goiana" in Jornal do Brasil, 5/10/1974.

A fundamentação da nacionalidade através do bandeirismo vai determinar interpretações da realidade muito coincidentes com os interesses da expansão econômica que se realiza e reforçar o modelo político instituído. Do ponto de vista político, a bandeira é encarada como uma democracia real sob o controle direto ou total de seu chefe, que assume este poder, por delegação, e o exerce severamente em vista das difíceis circunstâncias que o grupo enfrenta; do ponto de vista econômico e social, representa a conquista pioneira de novas riquezas; do ponto de vista histórico, assegura continuidade ao processo de consolidação da nacionalidade. (18)

Projeta-se a figura do presidente do Estado Nacional, da democracia real, comparados à bandeira e ao chefe bandeirante. (19) Os atos do poder executivo assumem largo significado histórico. (20)

Além de, mais uma vez, caracterizar o núcleo paulista como emanador e impulsor, não só dos fatos econômicos, mas até da formação da própria nacionalidade, esta ideologia vai reforçar a simbologia do sertão, do planalto

(18) Ricardo, Cassiano. "Rumo à para o Oeste", Livraria José Olympio Editora e Editora da Universidade de São Paulo. Vol. III, Rio de Janeiro, 1970. 4a. edição.

(19) Idem. Bittencourt, José. Secretário do DEIP de Goiás. "O Presidente Getúlio Vargas e o caminho do Ocidente" in *Cultura Política*, nº 27, maio de 1943 Pág. 33; Esterci, Neide. "O Mito da Democracia no País das Bandeiras. Análise simbólica dos discursos sobre Imigração e Colonização do Estado Novo". Trabalho apresentado como conclusão do curso de mestrado UCFJ - mimeografado Pág. 37 a 56.

(20) "O grito do presidente Vargas de "Rumo ao Oeste" foi o eco longínquo do "Independência ou Morte" dado pelo tréfego D. Pedro I... Estamos com a espada a cair sobre a nossa cabeça. É mister que ocupemos e conquistemos a nossa terra, antes que o estrangeiro, que já langou sobre nós seus olhares cobegos, jogue sobre nós também o tapete rolante e esmagador das suas forças armadas. A tarefa será pesada, mas se todos os brasileiros dela se convencerem, teremos a força de Montolon de Crotona e, como ele, levantaremos o touro acima das nossas cabeças e, dessa manobra, passaremos pela arena diante dos olhos surpreendidos do mundo. Avante, brasileiros! Jogai água pura sobre a semente da nossa idéia

que outrora proporcionou tantas riquezas, como o Eldorado Brasileiro. (21)

O Oeste, o sertão interior do Brasil vai aparecer agora como um grande potencial brasileiro. Do ponto de vista econômico ele representa riquezas imensas inexploradas: minerais, vegetais e a possibilidade de aproveitamento de terras férteis e virgens.

O sertanejo do oeste passa a ser visto, em comparação com o do litoral, sobretudo o nordestino, que se filia nitidamente à herança colonial, como típico exemplo da "raça brasileira". Ele é o bandeirante que se internou no sertão e aderiu a ele. (22) Chamá-lo ao contato da civilização da qual ele foi isolado, pelo tempo e pelo espaço, é possibilitar o enriquecimento da mesma, com um contingente realmente nacional. (23)

O território antes abandonado passa a representar o ideal máximo do momento brasileiro. (24) Assim ele é visto pelo chefe da nação: "- A civilização brasileira, mercê dos fatores geográficos, estendeu-se no sentido da longitude, ocupando um vasto litoral, onde localizaram os centros principais de atividades, riqueza e vida. Mais do que uma simples imagem, é uma realidade urgente e necessária galgar a montanha, transpor os planaltos e expandir-se no sentido das latitudes. Retomando a trilha dos pioneiros, que plantaram no coração do continente, em vigorosa e épica arremetida

Água que é propaganda. Propaganda que é força. Força que é trabalho. Trabalho que é vitória. Seremos vitoriosos se nos unirmos, juntando as nossas forças todas na diretriz traçada por Getúlio Vargas.."- Figueiredo, Coronel Lima. A Conquista do Brasil pelos Brasileiros" in Boletim Geográfico, nº 74, Ano VII, Pág. 131.

(21) "... escravendo páginas de gloriosa brasiliade das bandeiras de sul e norte. Com elas o Brasil começou a existir... de São Paulo haviam partido as primeiras expedições nacionalizadoras... Paulistas renovam-se agora, aparelhados com os múltiplos recursos da civilização, as monções históricas na marcha para o Oeste. A mobilização econômica das enormes riquezas impõe-se a todos os brasileiros; é um dever irrecusável de dignidade e patriotismo. E, como não decai o espírito empreendedor e a coragem é a mesma dos ve-

da, os marcos das fronteiras territoriais, precisamos de novo suprimir obstáculos, encurtar distâncias, abrir caminhos e estender as fronteiras econômicas, consolidando definitivamente os alicerces da nação. O verdadeiro sentido de brasiliade é a marcha para o oeste. No século XVIII, de lá jorrou o caudal de ouro que transformou na Europa e fez da América o contingente das cobiças e tentativas aventuroosas. E lá teremos de ir buscar: dos vales férteis e vastos, o produto das culturas variadas e fartas; das entradas d'água, o metal com que forjar os instrumentos de nossa defesa e do nosso progresso industrial." (25)

Quando em julho de 1942, se instalaram em Goiânia as Assembléias Gerais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, José Carlos de Macedo Soares, presidente do órgão, no seu discurso relatório justifica a escolha da cidade para sede das sessões das Assembléias como uma "homenagem cívica, ato de confiança e fé nos destinos do Brasil... é como se tivéssemos retomado o fio da própria evolução histórica nacional, para melhor reverenciar aqueles grandes valores do passado que, em vigorosas arremetidas épicas realizaram a obra da conquista, plasmados com suas mãos rudes e almas heróicas os limites continentais deste mundo brasileiro, onde se confinam todas as nossas esperanças e cabem todos

lhos tempos, estou certo de que os modernos bandeirantes as sumirão, sem tardar, o seu poeta nesta nova cruzada da expansão nacional." - Vargas, Getúlio. "A Nova Política do Brasil", Livraria Olympia Editora, Rio de Janeiro, Vol. 6. Pág. 283 a 285.

(22) Achiles, Paula. "Brasil da Oeste" Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1949, 2a. edição - 1a. edição 1940. Pág. 384.

(23) Idem.

(24) Ibidem. Pág. 379 a 386; Ferreira, Coronel Danton. "Fundação Brasil Central - Notícias da Expedição Rondon-Xingu" in Boletim Geográfico, nº 34. Ano III. Pág. 1313 e 1314.

(25) Vargas, Getúlio. "Saudação aos Brasileiros" em 31/12/1937, Apud Andrade, Almir. "Contribuição à História Administrativa do Brasil República até o ano de 1945", Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1949. Pág. 213.

das as nossas glórias". (26)

Como se pode observar, os fatos políticos como domínio do território, ou econômicos como a necessidade da expansão das fronteiras econômicas, se revestem de um ideal épico, muito propício à fase de expansão nacional e muito justificada pelas contingências internas e internacionais.

O Oeste se apresentava como único espaço vazio onde se tornava possível, então, fazer penetrar a corrente de povoamento, já que o norte só se conquistaria a partir do próprio oeste e o sul não corresponderia às exigências das frentes pioneiras em expansão. (27)

Portanto, a segurança geopolítica da nação exaustivamente defendida através da imprensa oficial e oficial, como por exemplo o Boletim Geográfico e a Revista Brasileira de Estatística, justapõe-se outras razões (28)

2. Goiás e suas condições internas de desenvolvimento

Na realidade, a onda migratória já havia escolhido o Estado de Goiás como um dos focos de convergência anteriormente à criação do movimento oficial rumo ao oeste. Entre 1920 e 1930 os índices de crescimento demográfico em Goiás são altos e o censo de 1940 assinala o Estado como o

(26) *Revista Brasileira de Estatística*, nº 11, 1942. Pág. 293 e 294; Barcellos, J. "Terra da Promissão" in *Voz do Povo*, 5/6/1932, nº 237, Pág. 4; Delamare, Alcebiades. "Gatas - Cetáro do Brasil" in *Voz do Povo*, 14/12/1932. Pág. 2 e 3 transcrita do *Jornal do Comércio*.

(27) Entrevista do dr. Monteiro de Barros para o *Diário da Noite* in *Voz do Povo*, 19/9/1930, nº 239 - "Brasil que o Brasil desconhece"; Deffontaines, Pierre. "Geografia Humana do Brasil". Rio de Janeiro, 1949. Pág. 121.

(28) "O Devassamento, a Ocupação e Consequente Dinamização do Planalto Central será o nosso primeiro problema geopolítico a resolver, se quisermos de fato, galgar a escalação do progresso". Figueiredo, Lima. "A Geopolítica das Nossas Fronteiras" in *Boletim Geográfico*, nº 23. Ano III. Pág. 1670.

4º a receber contingentes alienígenas. (29) Já nos referimos, no primeiro capítulo, à expansão das frentes do café, levando paralelas, as culturas de gêneros alimentícios e criações extensivas de gado para consumo da área cafecira e dos grandes centros urbanos a ela integrados.

O contingente populacional que se dirige a Goiás à procura de melhores condições de trabalho na lavoura, demonstra que a capacidade de absorção da mão de obra vai se ampliando e que o Estado desperta ao longo período de estagnação econômica em que mergulhou após a queda da mineração. (30)

O novo impulso penetrara polo sul. Era o "complexo do café" que avançando ia forjando uma nova mentalidade. Talvez o termo "modernização" expressasse de certa forma, guardada as proporções do fenômeno, o que ocorre na economia goiana a partir deste novo impulso. (31)

O surgimento e expansão da indústria brasileira, concentrada em São Paulo, tende a reforçar o impulso, na medida em que, aliada a uma agricultura comercial, visa o

(29) O Censo Demográfico de 1940 "Corrente de Migração Interior" pág. 43, assinala um ganho de 119.466 habitantes para Goiás ultrapassado apenas pelo Distrito Federal, 555.300 - São Paulo, 495.132 e Paraná, 151.603. Deste total já está reduzida a perda de população sofrida por estes estados, Bruno, Ernani Silva, "História do Brasil Regional - Grandes Oestes", Editora Cultrix, 1957, São Paulo. Pág. 130.

(30) "Aviso - O governo do Estado atendendo ao excesso dos sem trabalho nos centros populacionais do país e à falta de braços com que lucta a lavoura e a indústria Goyana, vai encaminhar imigrantes para Goiás. Todos os que necessitarem de trabalhadores são convidados com urgência, à Secretaria da Segurança Pública, nesta Capital, ou às Prefeituras nos Municípios, a fim de registrar seus pedidos" in *Voz do Povo*, 16/1/1931, nº 180, pág. 6; Fischlowitz, Estanislau. "Principais problemas da Migração Nordestina", Rio de Janeiro, NEC 1959. Pág. 89.

(31) As ligações do sul de Goiás com o norte de São Paulo são de tal ordem, que A.M. Bittencourt propõe a incorporação destas regiões, acrescentando ainda Minas Gerais, Espírito Santo, Estado do Rio e sul de Mato Grosso, no Estado do Centro, em que se deveria apoiar a revolução para uma nova divisão política do Brasil, baseada no critério econô-

mercado interno. A nova região se apresenta como um promissor mercado de consumo, se possibilitada sua integração como tributária ao complexo industrial-cafeeiro paulista.

A construção da Estrada de Ferro de Goiás, com seu entroncamento com a Mogiana, e com a Mineira visava reforçar as ligações com o sudeste. (32)

O escoadouro da produção agro-pecuária se fazia por esta via em direção a São Paulo.

Zoroastro Artiaga analisa as ligações Goiás - São Paulo, quando luta por um estreitamento das relações Goiás - Minas Gerais, alegando: "No intercâmbio usual drenamos para São Paulo todo o dinheiro da circulação local, do interior, dada a disparidade da aquisição com a pouca exportação de nossas mercancias ... É um desequilíbrio louco entre a importação e a exportação, resultando que os mesmos bancos passam para a finança paulista um mundo de cheques diárias saldo da balança comercial de Goiás". E acusa: "Mas o dinheiro de São Paulo, não sai de suas fronteiras por empréstimos como suas estradas de ferro não saltam linhas limítrofes". (33) Acusa ainda a Goiás de maus serviços, de atender apenas aos interesses paulistas até quanto ao transporte da produção Goiana. (34)

O articulista, um jovem estudioso goiano, reage ao tipo de relação da região "Core" com a sua periferia, que se estabelece, apenas, a partir dos interesses do centro da economia dominante. (35)

mico da produção - "Bittencourt, A.M. Os Postulados da Revolução - Erros do Regimen deposto, Deveres da Nova República" Rio de Janeiro, 1931. Pág. 89; Brandão, Juarez Rubens "Desenvolvimento e Mudança Social" São Paulo, Cia Editora Nacional, 1970, 2a. ed. Pág. 66 e 86.

(32) Magalhães, José Cesar. "Centro Oeste: Uma região Periférica em Integração" in *Curso para professores de Geografia*, Rio de Janeiro, Fundação IBGE, 1973. Pág. 155.

(33) Artiaga, Zoroastro. "Crédito e Transportes" in *Oeste*, Ano II, nº 3, abril de 1943. Pág. 10.

(34) Idem.

(35) "As exigências da economia paulista são consideradas a ponto de se propor a localização no Centro-Oeste, no sul de Mato Grosso, de contingentes complementares de mão de obra

Os investimentos, empréstimos e serviços estão em razão das necessidades do centro propulsor.

O desenvolvimento da economia goiana é anterior a 1930, oriundo do período aureo do café, quando esta monocultura limitava a produção de outras culturas e a criação de gado nas terras mais próximas, férteis e disponíveis. Atingiu Goiás um impulso de crescimento com a finalidade de atender às exigências do mercado de consumo que se ampliava na região monocultora, sobretudo a Mogiana e a Paulista, abastecendo-o com gado e produtos agrícolas das terras goianas, cuja economia, então, se caracterizava como complementar. (36)

Muito elucidativo sobre o processo econômico goiano, no início da década de 20, são os discursos de Olegário Pinto na Câmara dos Deputados. Ele denuncia o descaso com que se tratam os problemas goianos e o cerceamento da saída da produção goiana. (37)

Este cerceamento se relaciona com a retração provocada pelas sucessivas crises do café e finalmente pela Grande Crise de 1929, o que explicaria a queda do valor oficial da exportação de Goiás nos últimos anos da década de 20 e primeiro da década de 30, agravados ainda com a situação interna, nacional, conforme tabela na folha seguinte. (38)

"Como solução do problema assim posto, pareceu-nos aceitável a localização, em terras Matogrossenses, dos imigrantes e colonos nacionais que constituem aquele excesso qualificativo da colonização paulista. Instaladas em glebas Matogrossenses acessíveis aos empregadores de São Paulo, os colonos assim radicados no Centro-Oeste continuariam a prestar serviços à economia paulista, como mão de obra complementar, nas safras de café ou algodão, mercê das facilidades de transportes existentes entre os dois Estados." - Rondon, Tenente Coronel Frederico. "Colonização Nacional - Magno Problema Brasileiro" in *Revista de Imigração e Colonização*, Ano VII, nº 4, Pág. 651 a 662.

(36) Milliet, Sérgio. "Rotuário do Café" in *Boletim Geográfico*, Ano VIII, nº 98, março de 1961, pag. 1404 e 1405.

(37) Pinto, Olegário. "Interesses de Goiás - Discursos" Officinas Typographicas Editora Brasileira Lux, Rio de Janeiro, 1925. Pág. 21.

DEPARTAMENTO DE ESTATÍSTICA E DIVULGAÇÃO DO ESTADO DE GOIÁS
 Valor oficial da exportação de goiás no quinquênio 1928-1932

J

Produtos Exportados	1928 1929 1930 1931 1932				
	1928	1929	1930	1931	1932
Gado	30.287:830\$300	17.370:530\$050	16.435:610\$000	15.313:090\$016	9.911:365\$000
Arroz	9.212:566\$300	11.614:109\$106	9.449:420\$324	16.037:493\$300	4.338:864\$150
Café	3.210:692\$500	2.886:234\$000	2.473:195\$116	6.504:600\$000	4.210:150\$000
Xarque	1.764:516\$800	1.003:100\$000	2.168:638\$492	3.591:582\$000	5.125:818\$600
Porcos magros e cevados	1.515:760\$000	1.387:140\$000	1.377:310\$000	1.442:110\$010	358:363\$400
Iatiriárias	934:816\$000	751:325\$400	757:350\$090	987:274\$000	841:892\$780
Couros silvânicos	1.044:154\$000	75.022\$400	226:088\$319	901:724\$000	877:944\$000
Fumo	1.036:616\$000	636:411\$000	946:256\$450	831:973\$503	787:511\$800
Cristal de Rocha	150:477\$000	616:752\$500	246:074\$400	721:194\$000	263:005\$500
Óleo, sêdo e óleos	670:008\$300	204:328\$400	274:317\$218	505:361\$600	811:285\$530
Sola (1)	279:844\$000	253:004\$000	144:933\$000	336:0:82700	1.311:763\$000
Diamante	-	196:500\$000	138:950\$400	296:212\$800	382:055\$500
Assucar	10.072\$000	27.747\$200	6.249\$301	138:575\$930	48:661\$120
Pelos	453:502\$500	171:002\$500	2.04:825\$731	106:483\$000	6:325\$000
Feijão	433:052\$000	31:032\$500	60:502\$400	28:125\$000	105:198\$500
Algodão	223:544\$000	16:212\$000	25:753\$460	67:153\$640	89:318\$803
Madeira	267:172\$000	112:207\$000	78:715\$429	164:802\$640	69:783\$820
Banha e troncimbo	79:991\$500	93:162\$000	45:674\$673	78:744\$710	37:221\$600
Cascos para cortume	15:533\$500	111:523\$500	49:851\$000	20:123\$400	148:073\$200
Ossos	83:285\$600	26:594\$000	23:792\$000	-	-
Outros produtos	536:006\$235	447:393\$400	436:875\$498	543:928:150	424:781\$920
Totais	52.151:368\$235	38.561:774\$550	35.561:445\$088	43.097:066\$380	29.996:968\$420

(1) Inclui-se os artesfatos de sola no total de 1932.

Entretanto, a economia goiana, que já sentira o efeito de um breve reflorescimento, entra num processo de crescimento, inexpressivo em termos nacionais ainda, mas profundamente expressivo e bem acolhido em termos estaduais

O citado deputado Olegário Pinto, defendendo a extensão da Estrada de Ferro da Goiás, demonstra, através de dados estatísticos, os índices de crescimento dos vários setores econômicos e as possibilidades de expansão, caso fossem considerados pelo Governo Federal os interesses prioritários do Estado.

Vejamos alguns aspectos por ele analisados que nos indicam esse estágio de possibilidades e aspirações desenvolvimentistas, já iniciado.

Falando sobre a cidade de Anápolis, até onde pede extensão dos trilhos da Estrada de Ferro, ele pondera: "Anápolis, sr. Presidente, é o Ribeirão Preto Goyano: as suas terras ricas estão produzindo café de primeira qualidade, que, abastecendo todo o Estado ainda exporta para São Paulo, regular porção, aí recebida com muito agrado... É para esse importante ponto que a bancada de Goyaz pede que os trilhos da Estrada de Ferro de Goyaz lá cheguem, a fim de dar escoamento à produção de café, à de ceraçes, que são enormes".

(39)

Considerando o descaso com que se atende aos problemas de Goiás, evidenciado pela disposição de verbas com prioridade para outras Estradas em detrimento da Goiás, faz a defesa da mesma. Afirma que é a única das Estradas subordinadas à Inspetoria Federal de Estradas de Ferro que dá salário regular. Apresenta um quadro de confronto da renda quilométrica de várias estradas e a renda telegráfica da Estrada de Ferro de Goiás. (40)

(38) Teixeira, Pedro Ludovico. "Relatório apresentado ao presidente Getúlio Vargas quando interventor neste Estado, Goyaz, 1930/33. Pág. 161,
(39) Pinto, Olegário. Op. cit.
(40) Idem.

Renda quilométrica:

	kilômetros
Estrada de Ferro Central	2.700
Estrada de Ferro Noroeste	1.273
Estrada de Ferro Goiás	321
Rede Viação Cearense	1.234
Estrada de Ferro Oeste de Minas	1.937
Estrada de Ferro São Luiz à Terezinha	451

Renda telegráfica (Estrada de Ferro de Goiás)

1920	9:322\$278
1921	29:372\$774
1922	44:672\$518
1923	61:418\$129

Estes dados evidenciam uma utilização econômica significativa da rede, o que só se explica através de uma estrutura econômica em desenvolvimento. O deputado analisa as possibilidades de um escoamento da produção através de Anápolis, centro comercial da região. Adianta que a renda da estrada seria aumentada ainda mais, com a extensão da mesma, através do transporte do café, cereais e de gado em pé.

No comércio de gado, demonstra os efeitos da carência dos meios de transporte. Possuindo um rebanho de cerca de 4 milhões de cabeças, o Estado só exportou 13 mil pelas estradas de ferro. A distribuição da rede ferroviária só alcança então, três municípios: Catalão, Ipameri e Bom-Fim, atual Silvânia. Apesar desta dificuldade a comercialização se evidencia crescente, pela arrecadação de impostos sobre estas exportações feitas pela estrada de ferro. (41)

ARRECADAÇÃO DE IMPOSTOS SOBRE EXPORTAÇÕES PELA ESTRADA DE FERRO DE GOIÁS

Anno	Arrecadação de Impostos
1914	73:968\$210

(41) *Idem*

1915	95:649\$711
1916	241:545\$467
1917	312:277\$467
1918	485:150\$616
1919	479:695\$951
1920	400:737\$425
1921	353:205\$286
1922	558:324\$206
1923	761:615\$559

O decréscimo verificado entre 1920 e 1921 é atribuído à crise geral por que passou a nação.

Além de contatos comerciais com Belém, Maranhão e Bahia, cuja análise não cabe neste estudo, por serem menos significativos nesta fase, a produção goiana se dirige aos mercados de sudeste nas seguintes proporções em 1922.

(42)

"A - Pela Estrada de Ferro de Goiás"

Mercadorias - Unidades - Quantidade - Valor

Animaes e seus productos:

Bois, cabeças	13.737	1.236:330\$000
Vaccas, cabeças	295	20:650\$000
Suinhos, gordos, cabeças ...	3.839	311:510\$000
Suinhos, magros, cabeças	4.515	60:600\$000
Couros, salgados, ditos	3.608	66:748\$000
Pelles crúas,kilos	44.928	80:880\$400
Pelles curtidas, kilos	4.498	26:988\$000
Sola, kilo	93.958	281:874\$000
Artigos de sola e de palleis, kilo.....	900	5:400\$000
Toucinho salgado, kilo	15.973	15:975\$000
Banha, kilos	3.036	6.872\$000
Xarque, kilos	871.501	958:651\$000
Linguas defumadas, kilos	6.545	7:854\$000
Ossos, kilo	106.251	15:937\$650

(42) *Ibidem.*

Sebo, kilos	173.971	191:369\$100
Chifres e unhas, kilos	5.584	1:116\$800
Manteiga, kilos	24.000	96:000\$000
Queijo, kilos	43.615	87:230\$000
Vegetaes e seus productos:		
Arroz em casca, kilos	5.904.859	1.470:214\$750
Arroz beneficiado, kilos....	689.662	344:831\$000
Arroz "quirera", kilos.....	117.242	46:896\$000
Algodão, em caroços, kilos..	108.502	108:502\$000
Assucar, kilos	4.544	1:363\$200
Café, kilos	13.292	15:950\$400
Feijão, kilos	824.901	207:475\$250
Fumo em corda, kilos	150.126	150:378\$000
Mamona, kilos	3.341	668\$200
Milho, kilos	4.608	460\$800
Madeira em tóras, metros cubicos	1.313	73:865\$000
Madeiras cerradas, metros cubicos	708	78.000\$000
Madeiras, taboas de peroba, duzias	257	7:710\$000
Mineraes e seus productos:		
Crystal de rocha, bruto, kilos	31.717	63:434\$000 "

Mais uma vez se observa que esta produçao diz respeito apenas aos municípios servidos pela Estrada de Ferro e alguns circunvizinhos.

"B - Pelo porto de Santa Rita do Paranayba: (43)

Mercadorias - Unidades - Quantidade - Valor
Animaes e seus productos:

Bois, cabeças.....	45.142	4.062:780\$000
Vaccas, cabeças	1.712	119:810\$000
Cavallos, cabeças	197	29:550\$000
Suinos gordos, cabeças	231	18:180\$000
Couros crûs, kilos	809	1.456\$700

(43) *Idem. Ibidem.*

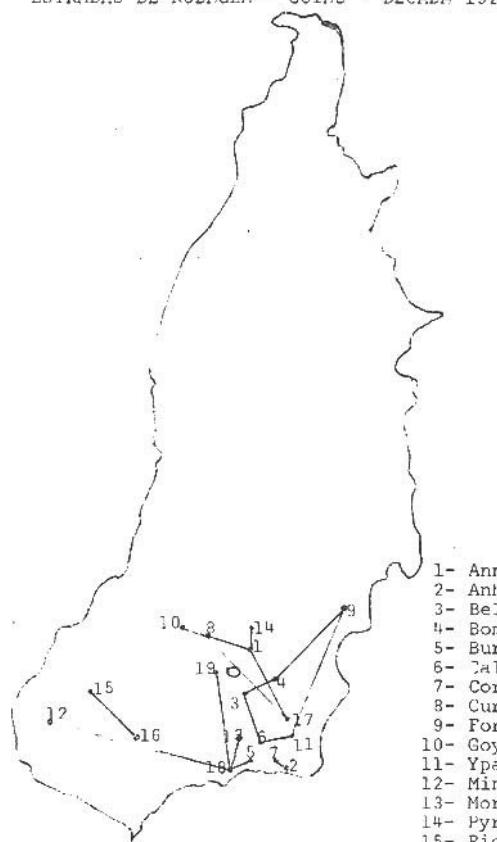
Toucinhos, kilos	2.538	2:538\$000
Vegetaes e seus productos:		
Arroz em casca, kilos	315.957	88:467\$96
Algodão, em caroço, kilos ..	9.966	9:966\$000
Café, kilos	40.917	73:650\$000
Feijão, kilos	3.670	9179500
Fumo em corda, kilos	3.659	10:977\$000,,

O orador assinala que os bovinos adquiridos pelos boiadeiros nas fazendas do centro e do sudoeste, diretamente, passam quase todos pela ponte Afonso Pena, na sua grande maioria destinados a invernadores paulistas e vendidos para charqueadas e frigoríficos de Barretos, em São Paulo.

Outro aspecto analisado pelo deputado e que vem demonstrar a concentração nessa etapa desenvolvimentista, na região sul e centro-oeste do Estado é o serviço de estradas para automóveis e auto-caminhões. Cita ele as principais estradas de rodagem do Estado, todas elas limitadas a essa zona: (44)

ESTRADAS DE RODAGEM = GOIÁS = 1920 (vide mapa na página seguinte)		Km
"		
Goyaz (capital) a Curralinho	42	
Curralinho a Roncador	320	
Santa Rita do Paranayba a Trindade	232	
Santa Rita do Paranayba a Mineiros	191	
Santa Rita do Paranayba a Buriti Alegre	42	
Bella Vista a Calda Novas	102	
Bella Vista a Bomfim	70	
Bomfim a Formosa	282	
Buriti Alegre ao entrocamento da de Santa Rita do Paranayba a Morrinhos	48	
Annápolis a Curralinho.....	155	
Annápolis a Pyrinopolis -.....	92	
Rio Verde a Rio Bonito	142	
Ypameri a Formosa	432	
Ypameri a Caldas Novas.....	64	
744) <i>Ibidem, idem, ibidem</i>		

ESTRADAS DE RODAGEM - GOIÁS - DÉCADA 1920



CONVENÇÕES

- 1- Annápolis
- 2- Anhanguera
- 3- Bella Vista
- 4- Bomfim
- 5- Buriti Alegre
- 6- Caldas Novas
- 7- Corumbahyba
- 8- Curralinho
- 9- Formosa
- 10- Goyaz
- 11- Ypameri
- 12- Mineiros
- 13- Morrinhos
- 14- Pyrinópolis
- 15- Rio Bonito
- 16- Rio Verde
- 17- Roncador
- 18- Santa Rita do Paranaíba
- 19- Trindade
- 0- Goiânia (aparece apenas como ponto de referência)

Roncador a Annapolis	203
Anhanguera a Corumbayba	60 "

Os dados, relativos à produção, apenas da região atingida pela estrada de ferro, demonstram a atividade econômica do Estado e até uma pequena diversificação desta produção. Reforçam as conclusões evidenciadas pelos dados de arrecadação dos impostos estaduais e os referentes às rodovias um esforço em neutralizar as deficiências dos transportes ferroviários, utilizando as estradas de chão.

Em 1931, a Secretaria de Finanças de Goiás, coloca à disposição do Embaixador da Argentina um stock de cerca de 90.000 sacas de arroz em casca (saca de 60 kgs), nas cidades que margeiam a Estrada de Ferro Goiás, através da Secretaria de Relações Exteriores, que transmite um comunicado neste sentido ao Consul Geral do Brasil em Buenos Aires. (45) Não encontramos documentos que atestassem a realização da transação, mas o que se torna claro é que a produção goiana vem se intensificando e buscando colocação. Mesmo que a Estrada de Ferro Goiás não bastasse e que as linhas paulistas emperrassem o escoamento da produção goiana, segundo a acusação de Artiaga (46), esta buscava romper as peias que a atavam.

Victor Coelho de Almeida assinala uma série de medidas da presidência do Estado, a partir de 1929, visando melhoramentos no setor de transportes e ensino, que denotam, mais uma vez, o aparecimento de uma mentalidade progressista se instalando em Goiás. (47)

Desenvolvida como "complementar" à produção paulista, mais próxima aos mercados, a economia goiana se desenvolve e torna-se capaz de reivindicar seus interesses. Isto não implica em dizer que a economia goiana vá ser incentivada a

(45) *Avisos expedidos e recebidos - Pasta de Governos Estaduais, 1931/40 - Arquivo Histórico do Itamarati, Rio de Janeiro.*

(46) Artiaga, Zorcastro, "Crédito e Transportes" in *Oeste*, Ano II, nº 3, abril de 1943, Pág. 19.

(47) Almeida, Victor Coelho de. "Goyaz", São Paulo, Imprensa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1944, Pág. 100.

partir desses interesses. Tenha-se em mente que a liderança política e econômica nacional não é goiana.

O importante é que o impulso ocorrido determinou - uma mudança radical na mentalidade goiana. Esta nova mentalidade se implanta mais facilmente numa incipiente classe média, que vê no crescimento econômico as possibilidades de redenção do estado e da classe.

Paradoxalmente, as forças políticas que se firmaram em âmbito federal e aí afugentaram as pressões das classes médias, encontram em Goiás a adesão desta classe ao movimento revolucionário, que embora apoiadas por oposições oligárquicas locais, vão assumir o poder.

A oposição ao poder caiadista, já é intensa, antes de 1930. Aliás, este movimento de oposição é idêntico ao que ocorre ao resto do país. Em Goiás participam dele médicos e advogados, politicamente descompromissados com a familiocracia local. Em suas "Memórias" dr. Pedro Ludovico Teixeira, narra a ação dos "inadaptáveis do sudoeste" e suas ligações com os revoltosos de 22 e 24. (48)

Os jovens goianos, expressão da classe média, vão se transformar em batalhadores da grandeza estadual e nacional.

Os jornais de oposição ao regime da Velha República, como "Voz do Povo", ou as revistas fundadas sob a nova ordem, como "Oeste", revelam em seus artigos os novos ideais e a origem social dos articulistas. Após a revolução de 1930, sobem ao poder muitos daqueles que compreendiam o papel que o Estado de Goiás podia desempenhar no processo de desenvolvimento nacional, e, que anteriormente não poderiam participar do processo político ou desencadear mudanças nas orientações seguidas. Ocupando funções administrativas e esteando-se num ideário de uma revolução vitoriosa, divulgam com segu-

(48) Teixeira, Pedro Ludovico. "Memórias", Livraria Editora Cultura Goiana, Goiânia, 1973. Pág. 26 a 34.

ranga seus pontos de vista. A nova mentalidade goiana despeita no Estado a consciência de si mesmo. Goiás compreenda suas possibilidades no cenário nacional. Uma verdadeira avalanche de novos valores morais, políticos e econômicos em prol do desenvolvimento do Estado vai se impondo.

Os jovens administradores após a revolução de '64, não vinculam suas origens à estrutura social e política agrária. O próprio interventor pertence a este grupo. Goiânia, - símbolo máximo dessa nova força econômica e social tem como primeiro prefeito elemento não identificado com tal estrutura, Prof. Venerando de Freitas Borges. (49)

Uma radical transformação na diretriva política, econômica e social do Estado vai se concretizar com a mudança da Capital da cidade de Goiás para Goiânia.

(49) "Fago também do senador Martins Borges o melhor juizo - responde o deputado Joviano de Castro - mas ele é hoje um homem que não pensa por si mesmo. Ele é dirigido por seu genro, Pedro Ludovico Teixeira, sem dúvida um animador de idéias revolucionárias..." Outro erro de Vossa Excelência. Pedro Ludovico é um jovem de muito valor. Um homem independente, que merece, todo nosso respeito" (grifo nosso) - deputado Leopoldino de Oliveira, apud Câmara, Jaime - "Nos tempos do Frei Germano" Goiânia, Livraria Editora Cultura Goiana - 1974, "Ora naqueles idos, jorna deava sem descanso pelas campinas do sudoeste a alma conspirativa do dr. Pedro Ludovico Feimzirai, - Este era um oposicionista de um tipo diverso daquele que encarnavam mais tarde, seus adversários, pois não tinha, como nós, o fetichismo da legalidade e a preocupação da ordem... Suas atividades eram extensivamente revolucionárias, convencida como tantos outros entre 1920 e 1930, que só pelas armas poderiam ser removidos os vícios e os males que o regime acumulava em todo o período republicano..." Hasser, Alfredo in Câmara, Jaime, idem acima pág. 168. Feimzirai, Pedro Ludovico. Op. cit. Pág. 9 e 43. Pág. 9 a 43, Câmara, Jaime. "Os termos de Mudanças" Goiânia Livraria Editora Cultural Goiana, 1973. 8a. e 21 a 69. Entrevistas com o primeiro prefeito, com dr. Pedro Ludovico e outros que participaram do processo de mudança; quanto ao primeiro prefeito da Goiânia, Sr. Venerando de Freitas Borges foi nomeado pelo interventor como pessoa de sua confiança- A mudança da capital se fez sob forte oposição e correu o risco de não se efetuar. O momento não permitia, nem ao menor, concessões políticas, pois o chefe do governo precisava do apoio irresistível de seus auxiliares diretos. Desta forma, além de considerar a capacidade individual que o cargo exigia, dr. Pedro Ludovico precisava

Constrói-se uma nova cidade, racional, planejada, localizada no centro da região alcançada pelo desenvolvimento.

Goiânia é uma oposição radical aos valores antigos.

A implantação de uma cidade em pleno sertão é uma obra de caráter pionheiro. Demonstra a força que impulsiona o Estado, o vigor desta força e a existência de uma "infra-estrutura global", permitindo esta realização, embora aparentemente a situação do Estado não demonstrasse essa capacidade. Goiânia é um ideal. A princípio, mais uma conquista ideal do que material.

Pressupõe-se que é chegado o momento de participar da vida econômica da nação e faz-se o esforço de integração. Goiânia simboliza este esforço, reconhecidamente gciano.(50) Ele coincide com uma oportunidade propiciada pelo governo federal, mas, é preciso ficar claro que, enquanto parte do governo federal um movimento em direção a Goiás, Goiás efetua um movimento a partir de si mesmo em relação ao Brasil.

As condições em que se realiza esse ingresso efetivo de Goiás no Brasil econômico determinam as diretrizes posteriores do desenvolvimento goiano como mercado interno de consumo de manufaturas e produtor agropecuário complementar. (51)

sou ainda avaliar a fidelidade aos ideais implícitos no processo da mudança e às aspirações de Goiás.

(50) "Entretanto, na modéstia da vida atual de Goiás, há um nobre e heróico esforço de renovação... já se fazia necessário que este Estado sacudisse o torpor que lhe tolhia os movimentos, que reagisse por suas próprias forças ao longo abandono em que o deixaram fazer os dirigentes do país". - Xá vier, Rafael. "Goiás, Estado do Futuro", Conferência realizada na Assembleia Legislativa do Estado de Goiás, in Boletim Geográfico, nº 66, Ano I, agosto de 1943. Pág. 491 a 498.

(51) "Embora ainda o ouro e as pedras preciosas sejam atrativos para aventureiros que demandam aquelas paragens, a formação econômica de Goiás atual obedece a outras linhas de orientação e a interesses mais firmes e mais contínuos, mais fixadores de populações e economias. A pecuária e a agricultura, formam a base de sua economia atual, tendo em vista o mercado interno estadual e nacional, especialmente dos estados vizinhos - Estado de São Paulo, Minas Gerais, Pará, Mara

O papel representado pelo poder central no chamado (apelo) ao desenvolvimento da região, existe, mas é profundamente profícuo o esforço paralelo realizado pelo estado, refletindo o impulso que o tocara a partir do sul.

A maneira pela qual os participantes do processo analisam o sentido ideológico e econômico da nova cidade, demonstra claramente a mentalidade inovadora que os caracteriza.

Esta é a opinião de Castro Costa: "...Aí está por que dissemos, que a edificação de Goiânia, cidade que só a vontade de um Pedro Ludovico poderia erguer, representa um fato sociológico inédito no País, em virtude de traduzir um movimento centrífugo, isto é, que parte do centro do nosso território para se irradiar para a periferia. Jamais havíamos os brasileiros assistido, em tal longitude, a um esforço local tão alentado em prol da civilização do oeste. Goiânia não é a cidade populosa, não é o arranha-céu que não tem, não é o luxo dos salões, não é a receita pública fabulosa, nem tampouco os cassinos que por ventura queiram ver. É uma grande idéia na vida nacional, é um símbolo. Conseguiu chamar a atenção de todos os brasileiros para a magna questão das potencialidades econômicas e sociais de nossas zonas mediterrâneas... A marcha para o oeste, hoje tão admiravelmente preconizada pelo maior apaixonado do Brasil, o presidente Vargas, encontrará sempre em Goiânia uma de suas maiores conquistas, eis que esta cidade encerra uma série

nhão, Mato Grosso e os Estados do nordeste... à pág. 69, observa através de cifras ser o Estado de São Paulo o maior comprador de gado e produtos animais goianos - em 1939 259.000 cabeças de gado em pé exportado, 815.300 cabeças para São Paulo... à pág. 174, "Goiás cresce como celeiro nacional e como mercado interno; o seu mercado consumidor de manufaturas, que se abastece especialmente em São Paulo, é cada dia mais forte, pelo aumento da população e pela elevação de seu nível de vida... Goiás precisa de capitais, créditos, máquinas agrícolas, colonos, técnicos, mas sobretudo de transportes fluviais, ferroviários e rodoviários". "A Economia dos Estados XI - Goiás" in Cultura Política, nº 12, julho de 1942. Pág. 166.

de circunstâncias excepcionais aferidoras do sentido ideológico desse explêndido movimento. Por outro lado, sua localização a torna talvez o maior entreposto comercial do Brasil futuro. Cercada por terras de cultura de primeira, onde tudo se planta com sucesso, e por zonas de intensa exploração mineral, como cristal, o amianto, o ouro, o diamante, o rutílio, além de outros; natural escoadouro de melhor níquel do mundo...; centro automático de uma grande rede de estradas que há de ligar o Pará e Mato Grosso a diversos outros Estados; meio caminho andando, quer para o extremo oeste, quer para o extremo leste... (52)

O primeiro prefcito da cidade assim a define: "Goiânia é um capítulo, o mais importante da história da minha terra. Põe à prova a energia de um cérebro, consubstancia o anseio de um povo, e retrata a larga visão de um estadista. É o marco que separa dois períodos históricos: - o da estagnação e o da ascensão. Então, daquele só restarão ruínas, e deste, como iluminuras estonteantes, Goiânia atesta-rá a grandeza e o apogeu" (53) (grifo nosso)

Para Afrânio de Carvalho, Goiânia liberta tanto uma capital aprisionada entre montanhas, como uma geração enrodilhada de preconceitos, marcando indubitavelmente o advento do moderno bandeirismo... (54)

O contraste entre a velha e a nova estrutura é bem caracterizada por Pierre Mombeig, que evidencia também o caráter quase épico da fundação da cidade: "Longe dos grandes centros do litoral, sem ligação ferroviária direta, com estradas bastante medíocres, em uma região que há cerca de dois séculos vive vagarosamente, constrói-se uma cidade inteiramente brasileira. Tais são os fatos em sua eloquente

(52) Costa, Castro. "O Sentido Ideológico de Goiânia" in Oeste, nº 1, Ano I, 1942. Pág. 3 e 4. Castro Costa era Redator e exerceu o cargo de Director desta Revista. Oeste se apresenta como o "veículo oficial" do pensamento moçâo de Goiás, no seu Editorial de Lançamento à pág. 1.

(53) "Goiânia na Opinião Nacional" in Oeste, Ano II, nº 6. Pág. 4, 5 e 6.

(54) Idem.

brutalidade. Os agentes do telégrafo da nova capital já transmitiram provavelmente um bom número de telegramas oficiais; eu desejaria, porém que a primeira mensagem enviada de Goiânia aos poderes federais tivesse sido redigida assim: - BANDEIRISMO NÃO MORREU" (55)

A opinião nacional define a cidade sob vários aspectos, mas é uma constante a sua classificação como um eco do pionirismo, de bandeirismo e a previsão de uma função central na economia, comércio e cultura do futuro, em vista de sua localização. (56)

Como se observa, os coetâneos sempre veem a nova cidade como símbolo de uma nova fase na vida do Estado, assinalando uma nova fase do bandeirismo. E esta fase vai ser liderada, no Estado, pela classe média, embora a economia seja agropecuária. Esta transição não se faz sem lutas e oposições. (57)

Goiás vai entrar num processo de urbanização e modernização e se integrar no sistema econômico nacional, com a função que lhe era possível exercer: mercado de consumo de manufaturas e produtor agropecuário complementar.

Pedro Geiger coloca Goiás no grupo de mais baixa população urbana e apresenta o estado como frente pioneira agrícola, com intensa imigração, crescimento sensível da população, mas com baixo índice de concentração de cidades de mais de 20.000 habitantes, aliás o mais baixo do país, entre 1940 e 1950. Relaciona o crescimento de toda a nação e adiante aponta a intensificação do processo em Goiás, como um dos maiores do país (17,4% no decênio 1940/50 enquanto São Paulo atinge 19,2%). Atribui esta intensificação à construção de Goiânia e consequente e determinante incremento das atividades comerciais ligadas à agricultura, acres-

(55) *Ibidem*

(56) *Idem Ibidem*.

(57) Câmara, Jaime - Sobre aspectos das divergências e consolidação do Poder Político, ver "Os Tempos da Mudança" Op. cit. Pág. 21 a 64.

centaríamos também à pecuária. (58) Consideraríamos também que o surgimento de Goiânia já expressa uma necessidade de urbanização. (vide mapa na página seguinte)

O que se observa é exatamente que apesar da densidade urbana de Goiás ainda ser fraca, efetua-se um crescimento significativo para o Estado. (59) Não podemos considerar, apenas em relação aos índices nacionais, os níveis alcançados pelo Estado de Goiás. Após uma longa estagnação o aumento e diferenciação, que no global seriam inexpressivos, para Goiás podem assinalar crescimento e desenvolvimento intenso, a nível do estado.

Como se pode observar este processo é basicamente aquele que se espera que ocorra para o desenvolvimento econômico nacional assinalado no capítulo I, à pág. 32.

A entrada do manufaturado no campo altera os hábitos de vida, vem acompanhada da modernização, da urbanização e da mercantilização da agricultura. É um processo global, embora este não ocorra de uma forma simultânea, completa e profunda em todos os seus aspectos. (60)

Naturalmente, a urbanização, cujo índice se apresenta crescente em Goiás (61), é responsável pelo surgimento e engrossamento da classe média e de sua diversificação. A transição do centro político e econômico para a cidade traz para a classe média, urbana por excelência, grande parte do controle político, principalmente porque a revolução afasta a oligarquia dominante e apoia a nova detentora do poder.

(58) Geiger, Pedro Pinhas. "Evolução da Rede Urbana Brasileira" Rio de Janeiro, 1963.

(59) Confronto dos resultados censitários, População presente por situação de domicílio, segundo as grandes regiões e unidades da Federação- 1940-1970.

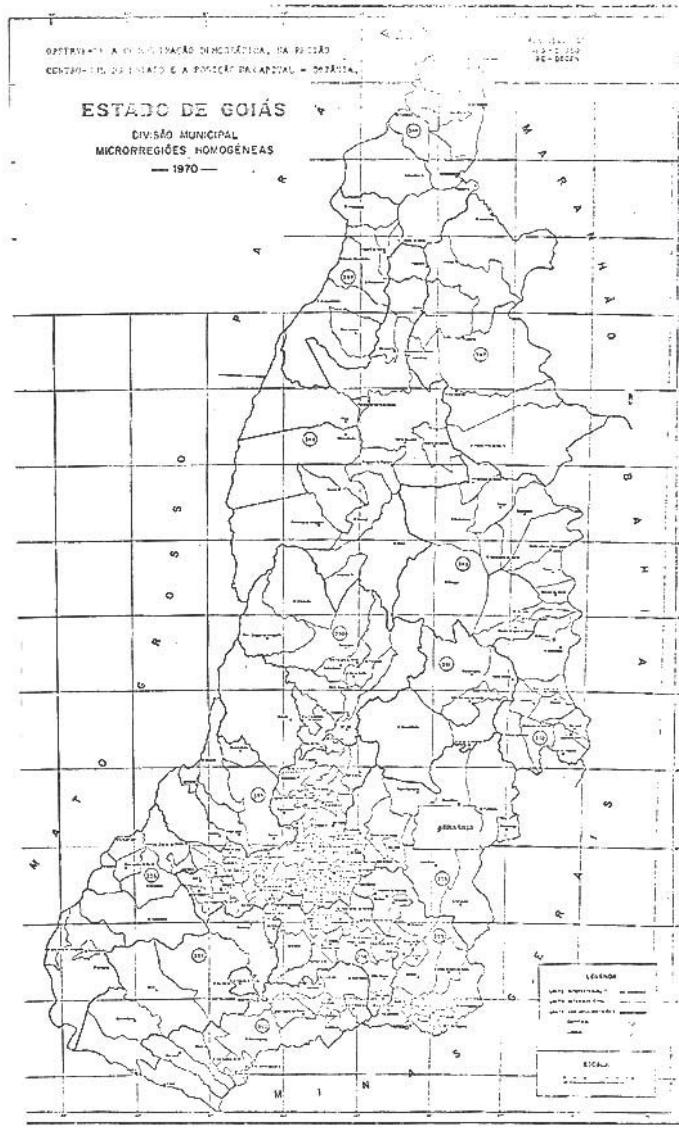
Goiás:

	19/9/1940	19/7/1950	19/9/1960	19/9/1970
Urbana e Suburbana	142.119	245.667	599.404	1.289.635
Rural	684.397	969.251	1.355.488	1.728.586

in Anuário Estatístico do Brasil, 1972. Pág. 467

(60) Lopes, Juarez Ribeiro Brandão. "Desenvolvimento e Mudança Social", São Paulo, Cia Editora Nacional, 1970, 2a. ed. Pág. 31 a 66.

(61) Bruno, Ernani Silva. Op. Cit., Pág. 131 e 132.



Estas considerações se fazem necessárias para a compreensão da demanda goiana de progresso, das exigências dos dirigentes e das pressões através da imprensa visando a intensificação da participação do Estado no desenvolvimento nacional.

Mas, Goiás vai representar ainda mais do que mercado de consumo, produtor complementar e tributário. Eldorado Nacional, depósito dos potenciais econômicos, vai representar, como outras regiões despovoadas, a possibilidade de se tentar resolver o problema da terra, paralelamente, à posse do território nacional, uma resposta às pretensões internacionais.

O movimento para o oeste vai englobar muitos interesses coincidentes. Os problemas de segurança, de mercado, de produção, de fronteira riqueza, de reforço do ideal nacional, de exigência de vastos territórios, acompanham a necessidade da posse da terra para os pequenos lavradores e da possibilidade de dirigir as correntes migratórias, desgravando os problemas e as tensões sociais nos centros urbanos (62). Procura-se resolver os problemas do trabalhador nacional, levando-o de regiões menos favorecidas para outras mais promissoras e possibilitando-lhe a posse da terra, sem comprometer a estrutura agrária da faixa litorânea e imítrofe, já ocupada.

A divulgação das riquezas, das terras sem dono, da necessidade de mão de obra, já agiam como forte motivo para convergência de imigrantes para Goiás. A política federal torna-se incentivadora do progresso.

O Oeste se apresenta para trabalhadores, agricultores, industriais, administradores políticos com a chave da solução para seus problemas. Os primeiros vêm a probabilidade de melhores salários e mesmo da posse de um pedaço

(62) Esterci, Neide. "O Mito da Democracia no País das Bandeiras - Análise simbólica dos discursos sobre imigração e colonização do Estado Novo" - mimeografado, Pág. 12.

de terra, para os segundos a vastidão e fertilidade da terra vem de encontro as exigências de suas necessidades, para os industriais representa um mercado incipiente e largamente ampliável e para os últimos, a possibilidade de satisfazer aos vários setores econômicos e resolver graves problemas sociais e políticos.

Para Goiás, esta "invasão", que é orientada do sul mas ocorre por contingentes do norte, nordeste, sudeste etc, atraídos pelos chamados, representa a sua oportunidade de desenvolvimento.

Não se pode desconsiderar, no entanto, que este impulso ocorre principalmente na região sul do Estado (63). Atinge a região por onde penetrou a Estrada de Ferro e zonas periféricas. Acima da zona do Mato Grosso Goiano o aumento populacional e o desenvolvimento econômico não atingem índices tão significativos.

Goiás encarou a política federal como uma resposta às suas reivindicações reiteradas de participação na vida nacional. Afinal o compromisso da revolução persistia - o Brasil era o único país em que todos devem participar. A correspondência do Estado aos apelos federais vai favorecer as realizações, os empreendimentos e o próprio programa proposto pelo governo federal.

3. Formas de superação para o modelo brasileiro propostas pelo Estado Novo- Colonização Agrícola: experiências, possibilidades e expectativas- Criação das Colônias Agrícolas Nacionais.

Os problemas do povoamento tornam-se complexos nesta época porque: 1º - A Segunda Guerra Mundial interfere restringindo os contingentes imigratórios; 2º - Muitos imigrantes que vêm para o campo, abandonam-no e se dirigem à cidade. Alguns tornam-se indescrivíveis agitadores sociais; 3º No momento difícil de crise e pós crise há uma severa crítica com relação ao amparo a imigrantes estrangeiros,

(63) "A Economia dos Estados XI - Goiás" in Cultura Política nº 17, julho de 1942. Pág. 169.

tantos nacionais permanecem sem emprego e em lastimável situação econômica, social e cultural; 49 - As questões de Segurança Nacional e as experiências com as colônias alemãs nos Estados do sul não aconselham a criação de núcleos de imigrantes estrangeiros nas regiões despovoadas e fronteiriças. (64)

Desenvolve-se, então, uma política de apoio ao trabalhador nacional, determinada por tais circunstâncias. O trabalhador nacional transforma-se em alvo de interesse do governo e o Oeste, e Goiás, numa possibilidade de efetuar uma política conciliatória.

Encaminha-se a corrente do Exodo para os vazios demográficos, onde o potencial de riqueza garante o afluxo, provoca-se o desbravamento e a ocupação destes espaços, alivia-se ou diminui-se a concentração dos desempregados nos centros urbanos e oferece-se uma oportunidade para neutralizar os problemas da seca e dificuldades no nordeste, propondo-se o acesso à propriedade rural em terras devolutas dos estados.

Os estados possuidores de grandes clarões demográficos como os do Norte e do Centro-Oeste consideram-se beneficiados e estas condições permitem uma coerência no ataque ao latifúndio, na época um grande réu, e a valorização da pequena propriedade, "homestead" apresentada então, como solução mágica para o problema agrário.

Vejamos as colocações que faz Arthur Kehl Neiva resumindo a política e a fundamentação de ordem teórica e prática levada em conta pelo presidente. A fraca densidade demográfica - 2 hab/km² no Acre, Amazonas, Pará, Goiás e Mato Grosso, que ocupam em superfície 2/3 do mesmo, provoca

(64) Considerando nº 5 do Decreto nº 19.484 de 12/12/1930 (limita a entrada de imigrantes) "Considerando, também que uma das causas do desemprego se encontra na entrada desordenada de estrangeiros, que nem sempre trazem o concurso útil de quaisquer capacidades, mas frequentemente contribuem para o aumento da desordem econômica e da insegurança social", in Revista de Imigração e Colonização, Ano III, nº 1, Pág. 31.

preocupações de toda ordem para o poder dirigente e se transformam na razão "do sentido profundo da diretriz traçada pelo nosso Presidente ao determinar a marcha para o Oeste". A distribuição da população, de forma equitativa, preenchendo os claros demográficos é premissa da ação governamental, aliada à instalação da pequena propriedade. A substituição do latifúndio por esta, é considerada como meio de fixar o homem à terra, diminuindo o êxodo da população rural. Evidencia-se o reconhecimento das variáveis que atuam na situação mundial e nacional, determinando nova orientação na política de povoamento e colonização. Considera-se a fertilidade e condições gerais do solo da região passível de colonização, para que os contingentes da população redistribuidos, na região do mapa demográfico, em posse de trato de terras férteis e produtivas, possam estabilizar-se. Busca-se corrigir o sistema de produção, e os vícios da densidade demográfica irregular e do descontínuo vigor econômico. O presidente define e justifica a nova orientação colonizadora desta forma: "A política de aparente restrição, que estamos praticando, é, no fundo de simples regulamentação da entrada de imigrantes, de acordo com as condições de trabalho nacional e as exigências de natureza social ou política".⁽⁶⁵⁾ O objetivo da colonização interior, que se evidencia, é, exatamente a fixação nas zonas produtivas, vazias, dos excedentes de população de regiões mais populosas e sujeitas a flagelos. O poder dirigente percebe muito claramente e considera na orientação imprimida e na argumentação que a fundamenta, o fato da população rural carecer de medidas concretas e profícias em seu benefício. Preve-se a extensão dos benefícios do trabalhador urbano ao trabalhador rural, para que este não migre na sua totalidade, desarticulando todo o sistema sócio econômico e político, além de "enfraquecer ou anular os efei

⁽⁶⁵⁾ Vargas, Getúlio, apud Neiva, Arthur Hehl - "Getúlio Vargas e o Problema da migração e colonização" in Revista de Imigração e Colonização, ano III, nº I, pág. 48.

tos da campanha de valorização integral do homem brasileiro⁽⁶⁶⁾

É continuamente reforçada a "anomalia perigosa" do camponês sem terra, num país rico e fértil, exemplificando-se o vale do Amazonas e de extensas pastagens como as de Goiás e Mato Grosso. Outro aspecto sempre repisado é o da elevação do nível de vida da população rural, para absorver a produção industrial crescente - sem aumento da capacidade aquisitiva, emperra-se o processo. O aumento do rendimento do trabalho agrícola levaria à elevação do nível de vida. - (67)

Estes motivos seriam então, as razões máximas da política de fixação do homem brasileiro ao solo, em núcleos de colonização. "A redenção dos portões e a revalorização da Amazônia são capítulos essenciais do programa traçado pelo governo... é essa a cruzada nova para a qual convocamos as energias nacionais".(68)

O trabalhador nacional, é também, considerado como elemento adequado à tarefa de povoamento e conquista de territórios vazios. O Coronel João Alberto, cuja preocupação com os problemas do povoamento e do Centro-Oeste é notória, advoga esta idéia. Os imigrantes não suportariam as dificuldades impostas, os nacionais são aptos a superá-las. Os primeiros só podem se estabelecer em regiões já incorporadas à civilização. (69)

(66) Neiva, Arthur Hehl, "Getúlio Vargas e o Problema da Imigração e Colonização" in Revista de Imigração e Colonização, Ano III, nº 1. Págs. 43, 45, 49, 51, 52, 55, 56 e 69.

(67) "...É necessário a riqueza pública que o nível de prosperidade da população rural aumente para absorver a crescente produção industrial; é imprescindível elevar a capacidade aquisitiva de todos os brasileiros - o que só pode ser feito aumentando-se o rendimento do trabalho agrícola" Vargas, Getúlio apud Neiva, Arthur Hehl, idem pág. 65.

(68) idem.

(69) Alberto, Ministro João. Entrevista "Problemas do Brasil Central" in Boletim Geográfico, nº 23, Ano II. Pág. 1864 e 1865. - "Para desbravar terras poucas ou nada conhecidas o melhor colono é o nacional".

O problema do descongestionamento da cidade encontra, também como solução viável esse deslocamento da população migrante em direção ao sertão. (70) Relaciona-se a este problema a política de redistribuição nacional da população.

Como se pode observar, o programa da marcha para o oeste vai se constituir num corretivo da problemática brasileira em vários dos seus aspectos.

Um amplo programa de ocupação do território, a partir das diretrizes emanadas da Presidência, determinando áreas e ítems prioritários se realiza, através de vários elementos: O Plano Nacional de Viação, a expedição Roncador - Xingú e a Fundação Brasil Central que a absorveu, a criação de novos territórios e, até mesmo do Instituto Brasileiro de Estatística, de órgãos como o Serviço de Irrigação, Reflorestamento e Colonização, em 1934, vinculado ao Ministério da Agricultura, a Divisão de Terras e Colonização, em 1938, também vinculada ao M.A.; e no mesmo ano a do Conselho de Imigração e Colonização, vinculado à Presidência da República. (71) Tal proposição visa o atendimento às exigências que determinaram a sua adoção: a queda da produção agrícola em relação à industrial, a necessidade de se atingir certo grau de auto suficiência econômica, a correção do êxodo rural, (72) e da estrutura agrária, sem desvio do padrão nas zonas

(70) *Descongestionamento das Cidades in Novas Diretrizes*, maio de 1941. Pág. 19 a 21; Rondon, Tenente Coronel Frederico. "Colonização Nacional, o Magno Problema Brasileiro" in *Revista de Imigração e Colonização*, Ano VII, nº 4. Pág. 619 a 662; Basbaum, Leônicio. "História Sincera da República", 1930 a 1960. São Paulo Editora Edaglitz, 1962, Vol. 3; Muller, Filinto in Silva, Hélio "Revolução Vermelha, 1935", Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1969. Apud Esteret, Neide Op. cit.

(71) Arruda, Hélio Palma de. "Colonização da Amazônia Brasileira", informe do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Pág. 5.

(72) "Está evidenciando que grandes massas de trabalhadores rurais movem-se anualmente no Brasil, percorrendo centenas e milhares de quilômetros, usando os meios de transporte mais variados, embora predomine a condução mais natural: a pé..."

ocupadas, a redistribuição da população no território, evitando os grandes vazios perigosos à segurança nacional, neutralizando as regiões que não possibilitam, mesmo que por razões de ordem geográfica, a obtenção de níveis satisfatórios de desenvolvimento, a ampliação do mercado de consumo, seja pelo aumento do nível de vida ou pelo alargamento territorial dos sistemas econômicos, o revigoramento do ideal nacional foi encontrada como solução a colonização dos enor mes vazios, com elementos nacionais. Adotar-se-ia um sistema onde os núcleos funcionassem como centros propulsores do processo instalado.

A colonização vai se fazer oficialmente, através de decretos e da centralização do processo e fiscalização das iniciativas particulares. (73) As crusas dessa centralização se relacionam com os compromissos do Estado Novo, com os problemas decorrentes da política de colonização anterior a qual atribuíam grandes fracassos, e com as dificuldades e ônus do empreendimento.

Leitão, Evaristo et alii - O Trabalhador Rural Brasileiro, Rio de Janeiro, MTIC, Departamento de Estatística e Publicidade, 1937.

(73) Decreto nº 19182 de 12/12/1939 - incentivo à mão de obra nacional e regulamentação da entrada de estrangeiros. Decreto nº 19620 de 4/2/1931 - maior controle das atividades colonizadoras não oficiais. Decreto nº 34315 de 1/6/1934 promove parcelamento de lotes para venda à famílias de agricultores nacionais e estrangeiros de acordo com a legislação. Decreto nº 1161 de 1/3/1931 concede lotes de terra e vias de comunicação na faixa de fronteira. Decreto-lei nº 2009 de 9/2/1940 - organiza núcleos coloniais (revogado pelo artigo 41 do decreto-lei 6117 de 16/12/1943). Decreto-lei nº 3059 de 14/02/1941 - cria as colônias agrícolas nacionais. Decreto-lei nº 3266 de 12/05/1941 organiza colonização através de Granjas Modelo. Decreto-lei nº 4504 de 22/07/1942 - cria núcleos agro-industriais. Decreto-lei nº 5153 de 31/12/1942 desapropria lotes e áreas de terra nos Núcleos Coloniais, inclusive as áreas onde haja concentração de estrangeiros contrária aos interesses e segurança da nação, de origem particular. Decreto-lei nº 406 de 4/6/1938 - regula entrada de estrangeiros em território nacional, cria o Conselho de Imigração e Colonização. Decreto-lei nº 58 de 10/12/1937 - obriga registro de núcleos particulares no serviço nacional de colonização. Os núcleos particulares, anteriormente apenas autorizados por decreto, passam a depender

Lentamente vão se cristalizando as diretivas teóricas do programa, a partir das suas determinantes. É assim que, a princípio, se repete a necessidade de fixação do homem ao solo, quando os efeitos do êxodo parecem assustadores e os perigos da tensão social muito intensos. Os programas visam o benefício da população "reconhecidamente pobre" e vai transparecendo na legislação competente a preocupação com o aproveitamento econômico da região a ser colonizada, com a elevação do nível de vida, saúde, instrução e nível técnico. (74)

A conceituação do processo vai se formando a partir da etimologia da palavra e das necessidades que o determinam.

A orientação do governo federal aos governos estaduais é no sentido de fomentar a distribuição de terras, "segundo condições que possibilitem uma razoável exploração econômica". A valorização da produção, através de pequenas e médias propriedades, numa equitativa distribuição de terras, são os meios de atingir o bem estar para a população rural. (75)

Transparecem, nas palavras do Presidente, as orientações impostas: "Fixando o homem à gleba saneada e produtiva, dando-lhe educação apropriada ao meio rural, evitaremos o êxodo dos lavradores e a fuga de elementos jovens e animosos do campo para as grandes cidades, com a ilusão de uma existência fácil e confortável". (76)

da aprovação de planos para o registro e aprovação necessários. O setor do cooperativismo continua liberado à iniciativa privada, exceetuando-se as dependentes de auxílios financeiros do Governo."Influência da iniciativa privada da colonização" Ministério da Agricultura, INCRA, s/data. Pág. 19 a 22.

(74) Tavares, Vânia Porto e outros. "Colonização dirigida no Brasil - Suas possibilidades na região Amazônica", Rio de Janeiro, IPEA/INPES, 1972. Pág. 38 e 33.

(75) "Colonização e Povoamento" in *Revista de Imigração e Colonização*, Ano I, nº 2, 1939. Pág. 295 a 209.

(76) Vargas, Getúlio. "Unidade Moral e Unidade Econômica da Nacionalidade" - Discurso às classes conservadoras e proletárias, em 10/11/1940. Pág. 29 e 30.

Toda a documentação encontrada, partindo de órgãos oficiais onde autoridades competentes, artigos de revistas, boletins, discursos, comentários, reforça enfaticamente a posição assumida pelo presidente Getúlio Vargas frente ao problema da colonização e os atos efetivadores da política levada a efeito.

A característica político-ideológica do Estado Novo tende a enfatizar o papel do presidente no desenvolvimento da Nação, como meio de reforçar o modelo e garantir o regime. A propaganda é uma forma eficaz de controle e a criação e a atividade do DIP demonstram claramente o que representava, no Estado Novo, este elemento favorecedor da sobrevivência do regime.

O controle exercido pela eficiente censura inibia tentativas de reação ou posição às correções propostas aos problemas nacionais. Algumas tímidas dúvidas quanto à possibilidade de realização da "marcha para o oeste" pelas dificuldades a serem superadas (?), embora uma crítica mais séria transpareça: "Parece lógico antes de ir adiante, devendo sertões meio inacessíveis, se deva tratar o que ficou para trás. Há muito que fazer aí. A "marcha para o Oeste", preconizada assim como uma política de estímulo à penetração do interior, é evidentemente reincidir no nosso erro de séculos: a dispersão e instabilidade do povoamento. Os territórios ainda desocupados do Brasil, e meio ocupados apenas, devem esperar, e servir unicamente como reservas futuras a serem oportuna e progressivamente aproveitadas. Quando o crescimento vegetativo da população brasileira, e o afluxo de novas e grandes correntes imigratórias levarem as regiões já ocupadas a um ponto efetivo de saturação, então será ocasião de nos estendermos para áreas indevassadas. Por enquanto, cuidemos do que já existe feito, racionalizando estas áreas apenas meio exploradas, parcamente habitadas,

Pinheiro, João. "A Marcha para o Oeste; Como Fazê-la" in Novas Diretrizes, setembro de 1940. Pág. 10 e 11.

e cheias de vãcos que tantos transtornos causam à nossa vida econômica e social; procuremos fixar aí uma população densa e estável, capaz de aproveitar todos os recursos da terra e viver uma vida digna da espécie humana. Precisamos encerrar definitivamente a nossa secular e onerosa caça ao húmus". (78)

A estes argumentos se opõem todas aquelas contingências já analisadas como determinantes do processo proposto. Já se caracterizou o Estado Novo como instrumento econômico de um sistema já estabelecido e portanto comprometido com este. Além do mais a colonização em zonas velhas "significaria mexer em casa de marimbondos".

Além de publicações de órgãos associativos de classe, já existentes, como por exemplo "A Lavoura", órgão oficial da Sociedade Nacional de Agricultura, surge nesta fase de interesses nacionais profundos uma série de revistas propostas a debater e divulgar os temas de maior interesse no cenário nacional. Algumas filiadas à orientação política do regime se transformam em divulgações quase oficiais das atividades governamentais. Podemos citar neste caso três periódicos por nós utilizados no decorrer do nosso trabalho: "Novas Diretrizes", "Cultura Política" e "Oeste", símbolo do movimento goiano renovador.

O tema colonização é amplamente debatido nas páginas destes periódicos. Sugestões reforçadoras das pretensões já oficiais, enaltecendo à programação e aos atos do governo.

Arthur Tôrres Filho ressalta o papel do Estado, nos países novos como o Brasil, onde este deve intervir até na divisão das terras a serem colonizadas. (79)

(78) Prado Júnior, Caic. "Problemas de Povoamento e a Pequena Propriedade" in Boletim Geográfico, nº 1, Ano I, março de 1944. Pág. 17 e 39.

(79) Filho, Arthur Tôrres. "Colonização Rural" in A Lavoura, Ano III, setembro/desembro, 1946

Sócrates Alvim, vice presidente da Sociedade Mineira de Agricultura, analisando o problema do êxodo rural, sugere a colonização em terras devolutas dos Estados, como uma forma de solucionar a delicada questão da posse da terra, aliada a uma série de medidas complementares como desenvolvimento de comunicações, educação rural, crédito, incentivo a iniciativa privada na colonização e medição de lotes, preço barato na aquisição das terras. (80)

Até a concessão de terras a companhias estrangeiras para aproveitamento e beneficiamentos, como transportes, com utilização de largo contingente de imigrantes europeus e de retirantes nordestinos entra nas cogitações de tantos preocupados com o angustiante problema do êxodo, da produção e da ocupação dos espaços vazios. (81)

Pede-se que se processe a "colonização científica" do país, sempre reforçando a idéia de redistribuir a população, tirando o excesso de regiões não férteis, encaminhando-as para aquelas de comprovada fertilidade. A proteção à agropecuária é encarada como uma forma eficaz de recuperar a economia nacional sem descurar das manufaturas. (82)

O Sr. M. A. Teixeira de Freitas, Diretor Geral de Informação e Estatística e Divulgação, numa conferência pro-nunciada na Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, cujas atividades englobam promoção de: Congresso de Ensino Regional, Semanas Ruralistas, criação de Clubes Agrícolas Escolares, Colônia Escola Vale do São Francisco, propõe a intensificação e continuidade desse trabalho contribuindo para "o ideal torreano de recrudescimento das nossas miseráveis populações rurais, e do aproveitamento das nossas prodigiosas possibilidades agropastorais". Acrescenta que as Colônias Escola

(80) Salim, Sócrates. "Imigração dos Trabalhadores Rurais - Terras Devolutas - Colonização" in A Lavoura, dezembro de 1930. Pág. 391 a 395.

(81) Ferrão, Argollo. Delegado Comercial da Bahia. "Problemas Econômicos" in A Lavoura, outubro de 1933. Pág. 208 a 212.
(82) Diniz, Osório da Rocha. "A Política que Convém ao Brasil", São Paulo, Cia Editora Nacional, 1937. Pág. 393 e 394.

eduçam, povoam e colonizam. (83)

Castro Barreto, numa conferência na mesma entidade, apresenta como profilaxia para o Exodo, a educação técnica e ambientada, o restabelecimento entre a economia rural e urbana, entre a produção agro-pesqueira e pela propriedade da terra por quem a trabalha. Propugna pela extensão do direito à terra e à assistência do Estado ao homem brasileiro. Baseado no conceito spengleriano da "Terra Mater" relaciona a posse da terra, da propriedade rural, a uma ligação profunda entre o homem e a terra. (84)

Belisário Pena salienta a urgência da adoção de uma política agro sanitária, colonizadora e educadora para dar personalidade aos patrícios, promovendo através da pequena propriedade a emancipação do homem rural brasileiro. (85)

Evaristo Leitão, Rômulo Cavina e João Soares Palmeira publicam um trabalho sobre os auspícios do Departamento de Estatística e Publicidade do MTC onde procedem a uma análise da colonização até o início da primeira metade da década de 30. Atribuem os males da colonização ao abandono provocado pelo esgotamento do solo e pela falta de capital do colono. Acreditam que a colonização do Brasil tenha se preocupado apenas com o aumento da população e não tenha dado continuidade na assistência ao colono. Uma desordem deste quadro é o déficit apresentado nos Centros Agrícolas, principalmente nacionais. A independência do colono, principalmente deste, só se fará com muito apoio. Acusam as condições e obrigações a que se sujeitam os colonos nacionais nos Centros Agrícolas, de serem impossíveis de cumprimento. Estes teriam boa índole e poder da assimilação mas a educação

(83) Freitas, M.A. Teixeira, in *Revista Brasileira de Estatística*, nº 17, 1944, Pág. 123 a 142.

(84) Barreto Castro, "Considerações sobre o Exodo Rural" in *Boletim Geográfico*, nº 45, Ano IV, Pág. 1127 a 1135.

(85) Pena, Belisário, "Educação Rural" in *Revista Brasileira de Estatística*, nº 8, Ano 1941, pág. 1183.

seria insuficiente para compreensão destas exigências; precisariam ser bem guiados para produzirem e progredirem.⁽⁸⁶⁾

A idéia da colonização dos vazios já aparece na plataforma política de Getúlio Vargas em 1930.⁽⁸⁷⁾ Em 1939 numa entrevista à imprensa esclarece que o governo através do Conselho de Colonização e Imigração agiria com urgência no sentido de regular e promover o povoamento e organização da exploração racional de faixas do centro e do oeste, através de núcleos novos de expansão das energias produtoras brasileiras, com aproveitamento da população nacional.⁽⁸⁸⁾

Em 1949, respondendo a um questionário, Getúlio Vargas declarou que o plano de colonização do Brasil, através do aproveitamento do lavoura nacional, nasceria de observações que fizera pelo interior do país, sobretudo na Ilha do Bananal, em Goiás, onde havia vastas áreas desocupadas e o trabalhador não tinha garantias. Acrescenta que através do contato direto com os sertanejos, obteve distes a declaração que desejavam "ardentemente" terra para trabalhar. A partir daí, com a idéia da fundação de Colônias Nacionais, promulgou lei que concretizava e regulava a medida, após o que vários Estados ofereceram extensões de terra para efetivação do plano elaborado. Foram então criadas as Colônias em Goiás, Paraná, Amazonas, Pará, Piauí e Maranhão. Narra as principais diretrizes salientando a exigência da fundação de uma Escola Profissional para instrução dos filhos dos agricultores e de um engenho de cana para dar desde logo um serviço rendoso. Assalita ainda, que o Dírator da Colônia deveria organizar a sua forma economicamente cooperativista e construir estradas de rodagem ligando-a aos pontos mais próximos das estações ferroviárias ou rios.

(86) Leitão, Evaristo, Cavini Rômulo, Palmeira, João Soares, "Trabalhador Rural Brasileiro", Rio de Janeiro, Departamento de Estatística e Publicidade, MTC, 1937, Pág. 16, 36, 37, 69 e 76.

(87) "A Brilhante Plataforma do Dr. Getúlio Vargas" in Voz do Povo, 17/1/30, Nº 134. Pág. 1.

(88) Vargas, Getúlio, "A Ideia Política do Brasil" Rio de Janeiro, Vol. 6, Livraria José Olympio Editora, pag. 89.

navegáveis. "Encarregando-se ainda, do transporte e venda dos produtos, entregando aos colonos os resultados líquidos de seus trabalhos". (89)

As medidas concretas de consolidação da colonização, como não poderia deixar de ser, consideraram as condições que a determinaram. É assim, que levadas em conta a situação geográfica, as tendências dos fluxos migratórios, a extensão das regiões aproveitáveis, as tendências direcionais da expansão do mercado interno, a capacidade da diferenciação na produção global do país, favorecidas pelas condições históricas e econômicas, o significado da expressão ideológica como potencial de riqueza, é criada em Goiás, ao mesmo tempo que outros estados por estes motivos e com alguns variáveis, uma colônia agrícola, por ato do governo federal. (Vide mapa na página seguinte)

Esta região visada, no Mato Grosso Goiano, já se apresentava como picneira, conforme se observou em páginas anteriores. Weibel atribui este movimento ao avanço da linha férrea de Uberlândia para Anápolis de 1920 a 1930, embora a cidade só tenha sido diretamente atingida em 1895. Con corre muito para o afluxo e fertilidade do solo, que permite o retalhamento das propriedades. (90) Reforça o papel da Estrada de Ferro, que chegando a Anápolis determina um intenso progresso na região. Esta afirmativa vem confirmar as previsões de Olegário Pinto quanto às possibilidades da região e do estado. Em 1946 Weibel sente e observa a intensa atividade comercial e pioniera que parte de Anápolis e marcha para o oeste se realizando em direção aoeste e norte da cidade.

Outra importante observação feita pelo acuidade do estudioso é o fato de se instalar nesta área o pequeno lavrador, cuja produção tem fins comerciais, nesti região da matas, o que representa, sob todos os aspectos um contraste profundo com as tradições pecuaristas do Estado. Esti re-

(89) Pacheco, Armando. "Getúlio me Disse", Rio de Janeiro, Editora Aurora, 1949, Pág. 26,77.

COLÔNTIAS AGRÍCOLAS NACIONAIS



CONVENÇÕES

- 1- Amazonas
- 2- Goiás (CANG)
- 3- Maranhão
- 4- Mato Grosso
- 5- Pará

gião incorpora à economia do Estado aspectos novos e enriquecedores. (91)

Sobretudo é muito importante observar a partir do estudo de Weibel que, anteriormente e parcialmente, apesar de toda a propaganda do governo federal, e considerando o grande afluxo de força de trabalho e a fertilidade da região, apenas a Colônia Agrícola Nacional de Goiás aparece como iniciativa oficial. Observa o professor a criação de Uruana, originária da iniciativa de um homem, apenas com sua família e a propaganda modesta do seu esforço, suficiente para o aparecimento e desenvolvimento de um núcleo urbano e agrícola promissor.

A qualidade do solo, já conhecido em outros estados, muito propício à lavoura, apontava a região a conquistar. A oportunidade de possuir terra, acenava aos que se dispusessem ao pionirismo desbravador. A iniciativa particular já iniciara um processo de ocupação da área.

José Alves Toledo veio para a região, com sua mulher e mais tarde provocou a imigração de parentes e amigos, além de outros, por volta de 1935. (92)

A penetração de uma estrada pela Mata de São Francisco, em direção à Lavrinhos, em fins da década de 30 atraiu um contingente de imigrantes significativo para tal área.

Joan Lowell, comenta que chegou a fazer um curral no acampamento à beira da estrada, para alugar aos que passavam. Em certa fase, confessou que o barulho dos caminhões que por ali trafegavam, carregando os pioneiros, era suficiente para incomodá-la. (93)

(90) Weibel, Leo. "A Vegetação e o Uso da Terra no Planalto Central" Separata da Revista Brasileira de Geografia, nº3, Ano I, pág. 344.

(91) Weibel, Leo. "Uma Viagem de Reconhecimento ao sul de Goiás" Separata da Revista Brasileira de Geografia, nº 3, Ano IX. Pág. 376.

(92) Idem. Pág. 326 e 327.

(93) Lowell, Joan "Terra Prometida" 2a. edição - Cia Melhoramentos págs. 97, 101, 102, 107.

A notícia de terras férteis e baratas, ouvida nas áreas áridas, principalmente de Minas Gerais, foi responsável por um afluxo imigratório considerável. E não foi só o trabalhador rural que dirigiu suas vistas e esperanças para a região. Grupos paulistas e cariocas já tinham planos, nos fins dos anos trinta, para subdividir enormes áreas que possuiam e vendê-las, em pequenas fazendas. A abertura da estrada até Lavrinhas já se relaciona ao processo, visando valorizar a região em função de maiores lucros. (94)

Esta fase da ocupação, precede à instalação da CANG, mas paralelamente à sua implantação e posteriormente, observa-se a continuidade do processo. As obras de abertura da estrada que levaria à Colônia, a partir de Anápolis, passando por Jaraguá, determinaram a criação de um acampamento, nas proximidades do rio Verde, origem do atual município de Carmo do Rio Verde. O afluxo constante, a qualidade do solo e a capacidade limitada de absorção da CANG, se incumbiram de efetivar a ocupação. (95) A região circunvizinha à da CANG, atual município de Goianésia também inicia nesta época o seu desenvolvimento. Em 1938, o sr. Jales Machado instala uma fazenda de café e outras vão surgindo, com capitais goianos e alienígenas: a fazenda Calção de Couro, por exemplo, era possuída pela família paulista Monteiro de Barros e ficava ao norte da de Jales Machado. Instala-se, também, a Companhia Agrícola e Pastoral de Goiás, esta em 1944. O povoamento e progresso intensos da região determinam que esta seja elevada à categoria de distrito de Jaraguá, município a que se subordinava, em 1948, como distrito de Goianésia. Em 1949 se estabelece ali a Companhia Geremia Lunardelli S.A., Indústria, Comércio e Exportação, com uma fazenda de café que chega a 11.000 pés. (96)

Podemos entender, que de uma certa forma a atitude do governo federal se limitou a acompanhar e referendar

(94) *Idem*. Págs. 86, 87, 106, 107, 123, 128.

(95) *Encyclopédia dos Municípios*

(96) *Idem* e *Lowell, John op. cit.* pág. 152.

o rumo que a expansão normal da fronteira econômica ia dando num processo de marcha no espaço, a fim de satisfazer aos seus anseios.

O Estado de Goiás já fora palco de uma experiência de colonização, anteriormente, mas com colonos alemães, em 1924, na vila do rio Uví, afluente do Vermelho. Esta experiência, no entanto, redundara no mais completo fracasso, uma vez que não foi considerado para a implantação da Colônia nenhum dos requisitos e planejamentos necessários, a começar da construção de alojamento para os colonos.(97)

A Colônia Agrícola Nacional de Goiás, é no Estado a primeira experiência de colonização planejada e representou, portanto, por ser uma realização de caráter oficial e parte de um programa mais amplo de desenvolvimento econômico, social e cultural do país, e se implantar em terras férteis, uma expectativa bastante otimista quanto às suas possibilidades de sucesso.

O Correio Oficial publica, na primeira página, artigo de Geraldo M. Serra onde é enaltecido o programa de colonização e a criação de colônias agrícolas nacionais, vistas así como "centros de irradiação de processos modernos de cultura agrícola", como meio eficaz de amparar agricultores evitando o êxodo rural, como efetivação da marcha para o oeste, contribuição para melhoria de condições de vida do trabalhador rural e transformação das extensões significativas de mata virgem em "células vivas de produção". (98)

A Colônia Agrícola Nacional de Goiás é criada pelo decreto nº 6882 de 19 de fevereiro de 1941 em terras cedidas pelo Governo do Estado de Goiás pelo decreto-lei nº 3704 de 4 de novembro de 1940 e regulada pelo decreto-lei nº 3059 de 14 de fevereiro de 1941.

(97) Faissol, Speridião. "A Colonização no Estado de Goiás" in *Boletim Cartoca de Geografia*, nº 3 e 4. Pág. 16.

(98) Serra, Geraldo M. "Colônias Agrícolas" in *Correio Oficial*, 6/03/41. Pág. 1.